



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LISIANE LEWIS XERXENEVSKY BERGUE

(depoimento)

2017

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-840

Entrevistado/a: Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue

Nascimento: 28/06/1978

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte.

Entrevistador/a: Natália Bender

Data da entrevista: 20/12/2017

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Natália Bender

Pesquisa: Natália Bender

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 22 min e 29 segundos

Páginas Digitadas: 9 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Natália Bender intitulada *A Ginástica Artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na Ginástica Artística; Estruturação da modalidade na época em que iniciou e atualmente; Formação e atuação profissional; Participação como árbitra nos Jogos Olímpicos de 2016; Campeonatos mais importantes que participou; Núcleo de Base ESEF; Carreira da ginasta Adrian Gomes; Treinamento de Adrian no Núcleo Núcleo de Base ESEF; Relação com Adrian; Apoio financeiro para as atletas do Núcleo; Lesões da Adrian Gomes; Considerações Finais.

Porto Alegre, 20 de dezembro de 2017. Entrevista com Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue a cargo da pesquisadora Natália Bender para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Bom, primeiro eu gostaria de agradecer a tua disponibilidade e a tua participação na pesquisa. A gente reconhece a importância do trabalho de quem está envolvido com a modalidade e por isso a gente quer dar visibilidade para estas pessoas. Eu gostaria que tu começasses falando um pouquinho da tua trajetória no esporte, como tu te inseriu na ginástica?

L.B. – Então, eu comecei a praticar ginástica porque eu estudava no IPA¹ e era um colégio bem voltado para a questão esportiva; tinham várias modalidades que eram disponibilizadas para os alunos, gratuitas, então no caso tinha uma escolinha de ginástica artística. Tinha os aparelhos, tinha uma pessoa interessada que fazia faculdade no IPA, em passar o conhecimento, então, em quatro anos e meio eu acabei entrando na ginástica. Muito porque meu pai foi atleta, foi atleta de atletismo mesmo e ele sempre incentivou a prática esportiva, tanto minha como dos meus irmãos todos. Eu acabei entrando na ginástica e ao longo dessa caminhada, isso faz trinta e cinco anos, eu fui passando por vários clubes, sai do IPA fui para o CETE², fui para o União³, fui para a Sportcenter⁴ e acabei a minha carreira como atleta na Sogipa⁵. E dentro da Sogipa eu já entrei na faculdade e já comecei a dar treino também, então isso faz vinte anos, como treinadora a vinte anos.

N.B. – E tu lembra como era a estrutura da ginástica quando tu te inseriu e o que mudou em relação ao que é hoje?

L.B. – Em termos de estrutura acho que não mudou, não modificou muito porque continuou sendo sempre dois clubes competindo nas categorias mais importantes, digamos assim. A gente divide basicamente em primeira e segunda divisão e ao longo desses trinta e

¹ Centro Universitário Metodista IPA.

² Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

³ Clube esportivo Grêmio Náutico União.

⁴ Academia Sportcenter.

⁵ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

tantos anos, hoje continua tendo apenas dois clubes competindo em primeira divisão. O que é uma pena, mas não consegue expandir porque é um esporte muito caro, que exige equipamentos caros, exige muitas horas de treinamento com crianças muito pequenas, então, não se consegue uma estrutura melhor em outros locais.

N.B. – Tu é formada em Educação Física. Onde tu cursou?

L.B. – Aqui na UFRGS⁶ e pós graduada em Motricidade Infantil aqui na UFRGS também.

N.B. – Na tua carreira em algum momento tu teve algum envolvimento com a Federação⁷?

L.B. – Eu sou árbitra da Federação desde 1993, faz bastante tempo; sou árbitra internacional há bastante tempo também e teve um período, 2012, 2013 mais ou menos eu fui diretora do comitê técnico da Federação, daí eu engravidei e pedi para sair, em função do bebê, pedi para sair.

N.B. – Além da Sogipa, tu atuou como técnica em mais algum outro clube?

L.B. – Eu atuei no União, aqui na UFRGS. Eu comecei na Sogipa e depois como treinadora, mas eu trabalhei também no Ipanema Sports⁸, aqui na UFRGS, no União e de volta na Sogipa.

N.B. – E atualmente tu estás na Sogipa?

L.B. – Não, atualmente eu fui demitida [risos], fazem dez dias.

N.B. – E quais foram os momentos assim, mais marcantes que tu viveu dentro da tua trajetória na modalidade, tanto enquanto atleta, enquanto treinadora, enquanto árbitra.

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul.

⁸ Academia localizada na região sul de Porto Alegre

L.B. – Bom, vou começar falando do mais fácil que é enquanto árbitra, que foi a minha participação nos Jogos Olímpicos⁹ ano passado. Foi tudo aquilo que a gente sonha um dia participar, então, eu sempre soube das minhas capacidades como atleta, que eu não tinha condição de chegar a um nível de Olimpíada. Então eu fui construindo essa carreira como árbitra para um dia chegar aos Jogos e consegui, graças a Deus ano passado. Foi o marco porque é bem difícil de você se tornar árbitro, é um curso muito maçante, são provas... É uma tortura psicológica muito grande e ele ocorre de quatro em quatro anos, é bem estressante... Foi o ápice ter participado dos Jogos Olímpicos. Como atleta foi a participação em duas Universíades¹⁰ que é o Campeonato Mundial Universitário. Eu era aluna aqui da ESEF, eu fui representando a ESEF e foi também fantástico. Uma foi na Itália e a outra na Espanha... Bem bacana porque é como se fosse os Jogos Olímpicos só que Universitário, participam todos os esportes, tem abertura, tem... É muito semelhante. E como treinadora diversos campeonatos importantes, acho que o maior deles assim, foi quando nós saímos da... Toda a equipe da Sogipa saiu e veio aqui para a UFRGS porque terceirizou o departamento lá; nós não tínhamos ginásio aqui, nós não tínhamos equipamentos aqui, era tudo muito sucateado na época e a gente conseguiu ir para o Peru e ser campeão Pan-americano de clubes, então, foi também muito importante porque a gente mostrou que a gente tinha trabalho realmente, então acho que foi um marco.

N.B. – E tem mais alguma coisa da tua trajetória na ginástica que tu gostaria de deixar registrado?

L.B. – Estou sendo avó né, porque as minhas alunas estão tudo ganhando neném, tudo se formando, estou ficando velha [risos].

N.B. – Bom, então pensando que o objetivo da pesquisa é descrever a trajetória da Adrian Gomes, gostaria que tu falasse um pouco do período que tu trabalhou aqui no núcleo de base aqui da ESEF e em que tu também foi técnica da Adrian né.

L.B. – Bom, foi um período bem difícil porque a gente saiu de um clube grande, como era Sogipa, com uma estrutura enorme e viemos para cá e, como já comentei, a gente não tinha

⁹ Referência aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro realizados em 2016.

¹⁰ Competição internacional de esporte universitário.

estrutura nenhuma, o ginásio estava basicamente todo voltado para o judô, os tatames tinham invadido praticamente todo o ginásio. A gente tinha um pedacinho de solo que era uma pista só e os equipamentos eram muitos velhos, eram equipamentos da década de, sei lá se de 1970, 1980, muito antigos, eram equipamentos da Federação. Aí a gente conseguiu com esse núcleo de esportes de base, junto com o Ministério¹¹ a gente conseguiu todo o equipamento importado que é hoje esse que está aí da Gymnova que na época era o top de linha. Nesse meio tempo a Adrian¹² ela treinava no União e ela tinha sido selecionada para ir para a Seleção Brasileira. E eu não sei, também não vou entrar em detalhes do que aconteceu lá, mas eu sei que ela era muito jovem; as meninas iam muito novinhas para lá, então, não tinham uma estrutura psicológica muito boa, não tinham um apoio psicológico muito bom e ela acabou não dando certo lá. Não sei exatamente detalhes, até o que eu sei acho que não vale a pena, porque de repente ela é a melhor pessoa para comentar. Eu sei que ela... Eu fiquei sabendo, através de uma amiga que ela tentou ir para Guarulhos, treinar um pouquinho lá e não sei o que aconteceu que não deu para ficar lá e ela tentou voltar para o União e não aceitaram ela e ela veio parar aqui. Então um dia estava ela e o pai dela e eu olhava para o meu colega que era o Sérgio¹³ e eu disse: “Mas o que a Adrian está fazendo aí?” A gente se olhou, olhou e a princípio eu não queria pegar ela porque a informação que chegava era de que ela tinha feito alguma coisa lá na Seleção, alguma coisa grave e eu não queria me envolver, mas o Sérgio comprou a briga e: “Vamos pegar ela.” E a gente começou a trabalhar com ela e vimos assim que era uma pessoa sensacional, só precisava de uma orientação um pouquinho melhor, que faltou. Acho que no caso ela era muito jovem, faltou um pouquinho de orientação para ela e ela começou a desenvolver, começou a trabalhar muito bem e começou a desenvolver novos elementos. A gente começou a trabalhar as séries dela e depois de um período que sumiu da Seleção a gente conseguiu colocar ela no segundo lugar em um salto sobre a mesa, na época que tinha a Laís¹⁴, que tinha a Jade¹⁵, que tinha umas gurias boas. Ela conseguiu ser a segunda no Campeonato Brasileiro, então, ela voltou a cena do Brasil.

¹¹ Ministério do Esporte.

¹² Adrian Geovana Nunes Gomes.

¹³ Sérgio Stringhini.

¹⁴ Laís Souza.

¹⁵ Jade Fernandes Barbosa.

N.B. – E o que mais tu lembra dessa passada da Adrian pelo Núcleo de Base¹⁶ em relação à treinamento. Como era a relação contigo e com o Sérgio?

L.B. – Ela era ótima, uma guria muito boa de treino. Eu não entendia como que não tinha dado certo, o que podia ter dado errado. Acho que só pela imaturidade mesmo porque ela era muito boa de dar treino, tudo que a gente propôs para ela, tudo, ela fazia. Tudo! O único senão era a questão do peso, que era uma época de adolescência, pós-adolescência que tem uma explosão de hormônios e ela engordava e não conseguia voltar para o peso que a gente queria. Então foi assim o único senão, que era aquela briga diária...

N.B. – É que normalmente acontece com várias meninas, se manter nessa faixa de peso assim...

L.B. – Sim, com certeza. Mas ela era fantástica, fantástica para trabalhar.

N.B. – Ela passou bastante tempo aqui e eu queria saber como era a questão das competições. O que o núcleo de base aqui da ESEF conseguia ajudar, bancar as competições, porque o clube ele dá esse apoio para os atletas, mas como que era aqui no núcleo?

L.B. – Foi bem difícil, era sempre correndo tentando... Aqui mesmo com a UFRGS, algumas coisas a gente conseguiu com o Governo do Estado. Essa competição mesmo, no período que a gente foi campeão, foi através de um convênio com o Governo do Estado. Tinha a mãe de uma menina que até era esposa do Sérgio, ela ajudava muito, na questão de malhas, próprio de viagens... Sempre muito difícil, muita luta, por isso que no fim eu e o outro treinador, a gente não tinha salário; passei três anos aqui trabalhando sem salário e aí eu engravidei e quando a minha filha nasceu eu abandonei. Eu disse: “Não, agora eu não posso mais ficar.” E o Sérgio até ficou com a Adrian, ficou mais um tempo com ela aqui, se não me engano ficou mais dois anos aqui com ela, até que ele abandonou porque não tinha mais como sustentar... Bem difícil, o apoio que se tinha era da fisioterapia; ela teve uma lesão séria, ela rompeu o tendão de Aquiles, bem sério, fez uma cirurgia, acho que ela tinha um convênio alguma coisa e a cirurgia não foi bem feita. Ela rompeu de novo aqui na fisioterapia e teve que refazer a cirurgia, então, foi um período bem complicado, bem

¹⁶ Atualmente ESEFID- UFRGS, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

difícil para ela... Eu estava grávida porque ela estava no meu chá com a perna engessada, mas ela retomou, retomou e depois acabou indo para o... Quando o União viu que ela estava bem treinada resolveu pegar ela de volta.

N.B. – Foi quando ela participou dos Jogos Olímpicos em 2012? Porque ela foi para lá e treinou e no fim não pode participar porque se lesionou. Como que era essa questão da dor? Ela tinha muita dor durante o treinamento, não sei se tu lembra disso?

L.B. – Eu não me lembro dela se queixando sabe, sinceramente não me recordo.

N.B. – E esse problema que ela teve nos Jogos Olímpicos foi na coluna...

L.B. – Aqui ela não tinha isso. Aqui ela rompeu o tendão de Aquiles que eu me lembro e eu nem estava mais aqui, eu já tinha meio que...

N.B. – E tu lembra se ela chegou a ser convocada para a Seleção enquanto ela estava aqui?

L.B. – Não. Não chegou por causa do peso, em função do peso. Ela começou a figurar nas competições, mas não era chamada porque não gostavam dela em função não sei do quê, do que tinha acontecido na Seleção, enfim.

N.B. – E tu lembra como que era a relação da Adrian com as colegas de equipe? Pelo que eu sei ela era um pouquinho mais velha do que as outras meninas que treinavam no Núcleo.

L.B. – É, ela era mais velha. Ela era a líder. Então, super bem, as gurias respeitavam muito ela, não tinha grandes problemas, ela ajudava bastante.

N.B. – E eu queria que tu falasse um pouco de como tu entende a importância desse núcleo de base que teve aqui na ESEF, pensando que a gente tem dois clubes que são centrais que é a Sogipa e o Grêmio Náutico União.

L.B. – Foi uma pena que terminou porque era uma oportunidade para várias crianças que não tem oportunidade nos clubes e, infelizmente, por falta de recurso, a gente tinha um

projeto bem grande. A gente já tinha os recursos de três empresas, que através da lei de incentivo eles dariam os recursos e a Universidade como tem uma conta única não aceitou. Tinha que ter uma conta separada só para o Núcleo e não era possível fazer, então, tinha que entrar esse dinheiro através da FAURGS¹⁷, da Fundação e para entrar através da Fundação tinha que ter a palavra esporte no estatuto da FAURGS e não tinha a palavra, então, foi uma corrida contra o tempo e não deu certo. A gente perdeu empresas como a Gerdau¹⁸, a Vonpar¹⁹, a Randon²⁰. A gente perdeu e não teve como sustentar o Núcleo, que foi uma pena porque a gente tinha grandes expectativas de ser uma alternativa e se perdeu.

N.B. – Bom, teria mais alguma coisa que tu gostaria de deixar registrado tanto em relação a tua trajetória, quanto da trajetória da Adrian?

L.B. – Sabe que quando a Adrian saiu daqui e voltou para o Grêmio Náutico União treinou mais um pouco e foi convocada para a Seleção, para nós foi uma alegria muito grande. Claro ela foi uma sensação no Rio Grande do Sul como atleta que iria para a Olimpíada e foram feitas algumas reportagens com ela e não é uma mágoa, porque eu não guardo mágoa de ninguém, mas foi algo assim que foi impactante para mim porque apareceu uma reportagem na TV que ela estava trabalhando em uma confeitaria, hamburgueria, alguma coisa assim. Acho que era a Alice Bastos²¹ ou era a Duda Streb²² não me lembro bem, estava entrevistando ela e perguntando da trajetória dela e tudo que foi falado na reportagem, não por ela, mas pela repórter é que ela ficou dois anos sem treinar. E ela estava aqui e tanta gente aqui ajudou ela; tanta gente, até a senhora que ficava ali embaixo na portaria, ajudava ela; tinha muita gente que ajudava ela e em nenhum momento ela citou, nem a UFRGS, nem as pessoas que estiveram aqui do lado dela. Eu fui cobrar dela, eu disse: “Adrian, como assim tu fica dois anos parada?” Daí ela disse que foi proibida de comentar, então, isso foi uma coisa que me impactou porque não poder dizer... Afinal de contas para o Núcleo seria uma coisa muito boa ela ter passado por aqui, em termos de divulgação, de mostrar que o Núcleo estava realmente sendo útil, sendo utilizado e ela não pôde dizer.

¹⁷ Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁸ Empresa siderúrgica de Porto Alegre.

¹⁹ Empresa do ramo alimentício.

²⁰ Randon Implementos Rodoviários.

²¹ Alice Bastos Neves

N.B. – E assim, como tu relatou uma coisa que eu acho é muito marcante. Quando eu entrevistei o Sérgio eu percebi, essa questão da dificuldade de se manter na modalidade depois de ser atleta e não ter o retorno financeiro que a gente gostaria que tivesse, tanto que a Adrian hoje não se mantém na modalidade. Eu queria que tu falasses um pouco disso.

L.B. – Olha, como eu falei no início, é uma modalidade muito cara; uma modalidade que exige muita dedicação, muito tempo, então, poucas pessoas conseguem se manter porque a gente dedica no final de semana, no feriado. A gente não tem um final de semana que não se trabalha, que não... “Ah, vou fazer feriadão para sair com a família.” Não existe essa possibilidade e as pessoas não querem isso; as pessoas querem viver realmente, viver outra vida, então, por exemplo, das minhas colegas que fizeram comigo ou que trabalharam comigo, as pessoas não querem. Preferem trabalhar com escolinha, preferem se manter em um nivelzinho mais baixo porque a gente não tem um retorno nem, às vezes, da própria família, do clube, da criança. Às vezes a gente quer muito mais do que todos que estão na nossa volta e a gente acaba ficando doente, acaba ficando... Acaba se desgastando realmente porque a gente quer mais do que os outros e não pode. A criança tem que querer, a família tem que querer, o clube tem que querer e a gente vive brigando, brigando, brigando para as pessoas quererem e quem quer mesmo é a gente. Então é bem difícil, eu não sei se o Sérgio comentou, mas ele quando parou, ele parou, ele foi trabalhar com a fábrica de massas dele, da esposa dele e eu consegui trazer ele para o ginásio ano passado, não sei se ele comentou também, para ele ajudar, uns quatro meses ele me ajudou, mas as pessoas...

N.B. – Vão seguir outros rumos que não o esporte em função... Muitas vezes que não é esporte em função dessa dificuldade né. E até eu entrevistei o professor João Oliva²³ e ele falou que a Adrian é uma perda, que ela não continuou, ela não foi fazer Educação Física que daria uma boa treinadora, uma boa técnica daqui a pouco.

²² Eduarda Streb.

²³ João Carlos Oliva.

L.B. – E não foi por falta de incentivo porque, desde que ela estava aqui, eu brigava com ela para ela fazer Educação Física, para ela fazer vestibular, fazer aqui na UFRGS e ela sempre foi se escorregando, escorregando...

N.B. – Pelo que eu sei ela até iniciou o curso, mas não...

L.B. – Lá no IPA, mas eu dizia para ela fazer aqui porque aqui tinha uma oportunidade. Tem as escolinhas aqui, poderia começar como bolsista e tudo, mas ela sempre foi escorregadia nesse sentido.

N.B. – Bom, eu queria te agradecer mais uma vez pela tua disponibilidade em conceder esta entrevista sobre a Adrian, uma atleta que merece nosso reconhecimento.

[FINAL DA ENTREVISTA]